

Em nome da garra, do amor e da paixão: uma análise das marcas coletivas de grupos femininos nas torcidas organizadas do clube de regatas do Flamengo

Luiz Arator Carvalho Vaz *

O presente artigo tem por objetivo analisar os símbolos e imagens que caracterizam o universo torcedor feminino com base nas iconografias das torcidas¹. Vale ressaltar que essas formas associativas vêm sendo há tempos fonte de inúmeros e importantes estudos que nos possibilitam conhecer facetas da juventude e da sociedade brasileira por uma importante e diferente perspectiva. No entanto, ainda existe uma lacuna em relação a trabalhos que elejam a participação feminina nesses grupos sociais como objeto de estudo. Distanciando-me da ótica criminalizante presente nos meios de comunicação que condenam as torcidas organizadas como agrupamentos naturalmente patológicos e prejudiciais à sociedade, busquei, em meu trabalho, abordar a questão de gênero, contemplando os agrupamentos femininos.

Recheados de histórias que traçam as trajetórias individuais e coletivas das torcidas e dos torcedores, os relatos narram inúmeros eventos e situações do passado, destacando, como assinala Teixeira (2004), dois eixos principais: o primeiro seria o passado do clube – com sua história, seus títulos e grandes jogadores; e o segundo seriam as diversas experiências vivenciadas na própria torcida.

A memória e os elementos que a constituem são fundamentais na perspectiva desses agrupamentos, pois contribuem para uma análise mais profícua das representações e práticas das torcedoras a partir dos seus relatos. Michael Pollak (1992), fazendo referência a Maurice Halbwachs destaca que a memória deve ser compreendida como fenômeno coletivo e social cujos “elementos constitutivos” se fundam nos acontecimentos vividos pessoalmente, nos acontecimentos vividos por “tabela” ou herdados. Além dos acontecimentos, Pollak (1992) nos diz que a memória é constituída por pessoas, personagens e lugares, e a estes podemos aplicar o mesmo panorama proposto para os acontecimentos, ou seja, podem ser vividos pessoalmente, por tabela ou herdados.

Invariavelmente, esses aspectos elementares e constitutivos da memória se destacam nos relatos das torcedoras. Os acontecimentos, os personagens e os lugares, vividos por tabela ou não, são amplamente partilhados, criados e recriados pelas associadas de diferentes agrupamentos com grande proximidade.

Quando tratamos dos acontecimentos citados pelas torcedoras, é possível diagnosticar um caráter duplo onde as inúmeras ocasiões são vivenciadas dentro de esferas distintas e decompostas

* Bacharel em Ciências Sociais. Universidade Federal Fluminense.

em momentos de alegria e felicidade e aqueles, relativos a tristezas e frustrações. Assim, os títulos, as grandes vitórias, as melhores gerações de atletas e as viagens mais excitantes são lembradas e recriadas como um tempo próspero e belo dentro da história da torcida e do clube, valendo, inclusive, para aquelas associadas que não viveram ou sequer tinham nascido na época em que esses acontecimentos se passaram. Já as tristezas e as frustrações estão relacionadas a derrotas consideradas vergonhosas, a violência entre as torcidas, a saída de jogadores e as mortes de torcedores, também são referências na trajetória dessas torcedoras e constituem parte importante na construção da memória individual e coletiva, auxiliando na elaboração da subjetividade referenciando o pertencimento dos integrantes nos agrupamentos, colaborando para a formação da identidade torcedora.

Antes de entrar na análise das marcas coletivas, símbolos e mascotes que caracterizam os grupos femininos dentro das torcidas, vale analisar, brevemente, as diversas situações relacionadas ao convívio entre os diferentes gêneros nos agrupamentos torcedores, quando é possível identificar dois aspectos recorrentes. O primeiro diz respeito ao pensamento masculino, que ainda se norteia por visões machistas² e traz em seu bojo uma gama de preconceitos e desconfianças sobre o verdadeiro interesse da participação feminina em uma torcida institucionalizada. O segundo ponto refere-se à necessidade e à luta que as torcedoras travam para se afirmarem nesse universo, ainda tipicamente masculino.

Sendo assim, é possível imaginar um bom número de obstáculos surgidos para a inserção e principalmente para a legitimação das mulheres como torcedoras nesse espaço de masculinidades exaltadas em que muitas das expressões pejorativas estão relacionadas ao gênero feminino – jogar de salto alto; jogar como mulherzinha; Maria Chuteira (COSTA, 2006: 2).

Após leituras e pesquisas, fica visível que boa parte da literatura produzida sobre as torcidas organizadas analisam as práticas e as representações dos seus integrantes, inclusive a participação feminina, a partir das perspectivas masculinas. Desse modo, os estudos não refletem sobre a participação de torcedoras, tal como elas a entendem. É importante assinalar que este tipo de situação não é um privilégio dessas formas associativas, sendo comum em diversos grupos e esferas sociais.

Segundo Weller (2004:125):

Apesar das mudanças alcançadas pelos movimentos feministas e das transformações econômicas, sociais e culturais que levaram a um crescimento da participação feminina na esfera pública (principalmente no mercado de trabalho), as jovens adolescentes ainda constituem uma minoria nos movimentos políticsoculturais.

Embora a presença das mulheres seja incentivada e destacada no discurso de representantes dos principais setores dos agrupamentos, principalmente porque atenuam os estigmas que identificam as organizadas como grupo violento, as relações estabelecidas ainda se encontram, como já foi dito, sob a

capa do “machismo”. As torcedoras ainda sofrem com o préjulgamento e com a suspeição sobre seu verdadeiro interesse em ingressar na torcida. Nos relatos colhidos e na literatura analisada, nota-se que existe, por parte dos homens, o pensamento de que as mulheres são incapazes de torcer como eles, e que o verdadeiro interesse em participar de uma torcida seria “ficar” com rapazes, “arrumar namorados” ou estabelecer qualquer tipo de relacionamento afetivo com os torcedores do sexo masculino:

Dentro da torcida existe um preconceito que foi vencido com o tempo, porque existe um preconceito inicial pelo fato de eu ser mulher, e existe muita mulher que vai pra torcida com outros objetivos...objetivos de ficar com garotos e de conhecer homens, então a mulher já tem esse preconceito inicial dentro da torcida. Mas se você se mantém dentro dela...ativa dentro da torcida durante um tempo, e se impõe como torcedora, esse respeito é conquistado. Então acaba com que esse preconceito, se torna mínimo. (Torcedora da Raça Rubro Negra).

Há meninas e há meninas. Têm meninas que chegam com o mesmo ideal que eu, torcer pelo Flamengo e honrar a camisa da TJF. Já têm outras que não, que vão com outros objetivos, seja conseguir um namorado ou coisa do tipo. Mas a maioria vai pra representar mesmo. Eu vejo muitas com paixão. Eu sempre mostrei pra eles porque eu estava ali. Eu estava ali pra lutar junto com eles por um ideal nosso, por ideologia nossa, e eu nunca dei motivo pra eles falarem ‘Você está aqui por causa de homem, você está aqui à toa’. Todos eles, dos antigos aos mais novos, sempre me respeitaram e sempre souberam que meu ideal é minha torcida e o Flamengo. (Torcedora da Torcida Jovem do Flamengo).

As entrevistas apresentam, direta ou indiretamente, um pouco do cenário dessa relação entre homens e mulheres nas torcidas. Observamos, também, que a postura criticada pelos homens é partilhada pelas mulheres que se apresentam como torcedoras que compartilham do mesmo ideal professado pelo agrupamento e provaram seu valor e verdadeiro interesse. Estabelecendo, assim, além da diferença entre mulheres e homens, uma diferença entre mulheres. Essa diferença é definida pela postura e pelas atitudes frente a um ideal que independe de gênero, classe social, nível educacional, sendo igual e válido para todos e precisa ser provado em distintas ocasiões e situações. Vencer a suspeição implica “se provar”, provar “ser parte daquilo”, e “boa o suficiente”, segundo a avaliação dos torcedores.

Outro ponto importante está relacionado à participação das mulheres nos esperados, e muitas vezes, preocupantes jogos de guerra³. Partidas que transbordam rivalidade, exigindo a organização de caravanas e, às vezes, longas viagens. Vale destacar que esses jogos são marcados pela tensão e exigem preparo por parte dos agrupamentos e da polícia, pois a possibilidade de conflitos, ataques, saques e prisões são eminentes durante o percurso. Nessas circunstâncias, a participação de mulheres não é incentivada e, na maioria dos casos pode existir proibição ou oposição. Muitas vezes, a sua presença só é permitida em jogos contra torcidas aliadas, ou seja, “uma torcida com a qual se mantém relações recíprocas de lealdade, solidariedade e retribuição de favores (...) deixando de ser um inimigo em potencial” (TEIXEIRA, 2004:138). Segundo Toledo (1996:99), “estas torcidas ramificam-se e mantêm laços de amizade mais permanentes, que se estendem por todo o Brasil. Grande parte de sociabilidade

existente depende de certos arranjos que se sobrepõem em termos de prestígio, reciprocidade, conflitos, territorialidades”.

De acordo com os relatos, é possível observar que as torcedoras, mesmo as líderes, as mais antigas e as mais dedicadas não usufruem do status e da posição semelhante a aquelas atingidas pelos homens do agrupamento. Com um discurso que visa à proteção, as proibições enfatizam a posição das mulheres nessas torcidas e sua suposta fragilidade em um possível confronto e seu desfecho em uma situação de conflito. O argumento central que justifica a exclusão das torcedoras desses eventos considerados perigosos, afirma a vulnerabilidade a qual a torcida está exposta com a presença das mulheres, especialmente nas viagens para outros estados.

De fato, a violência e a agressividade são elementos constitutivos e presentes em certos grupos torcedores, nesses casos a “briga é sempre encarada como uma resposta, uma consequência e nunca uma intenção,” (TEIXEIRA: 2004:63). A autora assinala que “a briga faz parte do eidos – visão de mundo –, e do ethos – estilo de vida, dessas organizações torcedoras. (p.177). Sendo assim, parece importante indagar quais espaços vêm sendo ocupados pelos grupos femininos nessas torcidas institucionalizadas e como a violência se manifesta e é representada no universo feminino.

Marcas coletivas

Os símbolos que definem o universo feminino possuem atributos que ressaltam a sensualidade, o charme e a beleza, entretanto o espírito da luta se mantém e pode ser encontrado, sobretudo, nos cânticos, nos xingamentos e nos símbolos em geral. Honra, garra, força e disposição para a luta fazem parte do vocabulário de algumas torcedoras.

Embaladas, sobretudo pelo ritmo do funk carioca, essas torcedoras cantam suas próprias canções nas vans, nas festas, nos bares que frequentam e no caminho para o estádio. Vale assinalar, que os cânticos e brados de guerra que fazem referência às subdivisões femininas não são entoados dentro do estádio. O importante é observar que essas músicas, são expostas, apenas, quando elas estão entre si. Canções refletindo e reproduzindo atributos masculinos de virilidade e a utilização de palavras como “fuder” e dar “porrada” são amplamente utilizadas nas músicas dessas subdivisões. Toledo (1996) divide os cânticos e os gritos de guerra em quatro categorias: os de incentivo ao time, os de protesto, os intimidadores e os de autoafirmação da torcida. Repletas de palavrões que tem a sexualidade como tema, muitas vezes usados para exaltar “atributos masculinos de potência e virilidade”, e outras vezes utilizados para tratar a “passividade sexual” dos adversários.

Um pouco diferente, os símbolos e mascotes de natureza feminina aparecem com muita frequência nas camisas e indumentárias das torcedoras. Todavia, assim como os cânticos e os gritos de guerra, outros tipos de adereços (bandeiras, faixas e cartazes) são pouco utilizados no

espaço do estádio. Embora existam, esses símbolos e signos não são exibidos com a mesma constância que os adereços das outras subdivisões da torcida. Durante o trabalho de campo, não foram encontrados bandeirões ou bandeiras que fizessem qualquer menção a presença das mulheres na torcida⁴.

Isso parece evidenciar certa invisibilidade dos traços representativos do universo feminino em um agrupamento organizado. Não significando que sua participação e dedicação estejam em segundo plano. Pois apesar do número de torcedoras ser quantitativamente menor, se comparado aos homens, da estruturação precária dos subgrupos femininos, da relação ainda desigual e dos preconceitos vivenciados, a atuação feminina é bastante significativa nessas formas associativas.

Símbolos e Mascotes

O Feminino da Raça Rubro-Negra



www.racarubronegra.com.br/

A Raça Rubro-Negra tem como símbolo o mapa do Brasil ornamentado com faixas horizontais em vermelho e preto. No centro existe um punho cerrado, transmitindo a ideia de que o mapa foi rompido pelo punho. Abaixo segue a frase “O maior movimento de torcidas do Brasil”. Mesmo fugindo das categorias propostas por Toledo (1996), que serão apresentadas mais adiante, nota-se que o símbolo da Raça reforça a ideia de força, poder e domínio. O mapa vermelho e preto vazado pelo punho, e a frase explicitada abaixo, não deixam dúvidas que o símbolo se propõe a fazer referência à popularidade da torcida e ao domínio territorial, uma vez que é considerada a torcida com maior número de associados no Brasil, cerca de 60mil, e seus agrupamentos são subdivididos em regiões. O punho cerrado, comumente utilizado nas ruas e nos estádios, como um código entre os torcedores, é um sinal que faz alusão à luta e à resistência, e, segundo texto publicado no site da torcida, teve origem no movimento negro norte-americano.



www.orkut.com comunidade oficial do agrupamento feminino (Feminino da Raça Rubro-Negra)

O agrupamento feminino tem como símbolo a Mulher Gato. Originária dos comics, a anti-heroína foi criada em 1940 por Bill Finger e Bob Kane. Com um código moral particular, ora praticando o bem, ora articulando crimes, ela era uma ladra inescrupulosa que sentia prazer em não seguir regras ou cumprir as leis. Por sua exuberância e charme, além da rivalidade com Batman, a personagem se tornou uma das mais populares do mundo dos quadrinhos.

Vestida de vermelho e preto, com botas, luvas, máscara e seu inseparável chicote, a personagem estampa as bandeiras e faixas do agrupamento feminino da Raça. O símbolo da torcida, o mapa com o punho, se faz presente atrás da figura da personagem. Aqui, vale assinalar que o “Feminino da Raça”, também é conhecido como Bonde da Mulher Gato, fundado em 1990, pela torcedora Beth Cravo.



O Pelotão Feminino da Torcida Jovem do Flamengo
www.torcidajovemdoflamengo.com.br/

A Torcida Jovem do Flamengo tem como símbolo um tanque de guerra com três canhões. Camuflado de vermelho e preto, o tanque quase sempre é acompanhado de uma estrela dourada que simboliza a conquista do Campeonato Mundial de Clubes em 1981, na cidade de Tóquio, Japão. O tanque foi apropriado da torcida do Liverpool, adversário na ocasião, e os canhões representam os três gols marcados contra o time inglês. A estrela dourada utilizada comumente para representar títulos no futebol, também teve origem nessa conquista. Como lema eles utilizam a frase “Nada do Flamengo,

tudo pelo Flamengo”.

Destaco que a Torcida Jovem do Flamengo possui uma organização baseada no universo militar. Autodenominada de “O exército Rubro-Negro”, encontra-se dividida em pelotões e é frequente o uso de termos da hierarquia militar para tratar seus membros. Diferente da Raça Rubro-Negra, a Jovem utiliza um outro código, o Punho Cruzado, que serve para simbolizar e delimitar as relações de aliança.



www.meninasnatorcida.blogspot.com.br

Conhecido como Pelotão Feminino, o agrupamento onde estão inseridas as mulheres é representado pelo tanque e pelo símbolo de Vênus, o círculo com uma pequena cruz equilateral embaixo (♀). Este símbolo é utilizado para fazer referência ao gênero feminino, e tem sua origem na deusa Vênus, deusa do amor e da beleza na mitologia romana, equivalente à Afrodite na mitologia grega.



www.orkut.com comunidade oficial do agrupamento feminino (Pelotão Feminino TJJ)

Outro símbolo frequentemente utilizado é a personagem Lara Croft. Inicialmente criada para a série de vídeo game Tomb Raider, a personagem ganhou grande reconhecimento e fama quando o jogo foi adaptado para o cinema, sendo interpretada pela atriz estadunidense Angelina Jolie. Bela e sedutora, a personagem expressa brutalidade e violência, sem abandonar os atributos da feminilidade, geralmente é representada portando duas armas, uma em cada mão. Segundo depoimentos colhidos na internet, Lara Croft reluz o “espírito guerreiro do exército

feminino da Jovem do Flamengo”.

O personagem representado é vestido com o uniforme da torcida organizada, muito comum e tradicional na década de 90. Uma camiseta branca, com uma faixa horizontal vermelha e preta cruzando a altura do peito. As luvas e o cinto, além dos inúmeros e pequeninos tanques complementam a indumentária.

O Botequim Feminino da FlaManguaça

A torcida Fla Manguaça tem como símbolo um grande caneco de cerveja. Traz as cores do time como pano de fundo, e inúmeras estrelas fazendo referência aos títulos conquistados. Através da ludicidade, a torcida evoca para si o status de reduto de torcedores fanáticos e consumidores de bebida alcoólica. O agrupamento possui um manual de conduta que prega antes de tudo o amor pelo Flamengo, e a não-violência, primando pela irreverência e pelo bom humor. Seus subgrupos são conhecidos como botequins.



www.flamanguaca.com.br

Quando entrevistei uma das torcedoras da FlaManguaça, o símbolo do Botequim Feminino estava passando por uma reformulação. Naquela ocasião, o logo do agrupamento era a Hello Kitty, a personagem japonesa, representada por uma gata branca com traços humanos que usa um laço rosa na orelha esquerda e é desprovida de boca.

Meses após a entrevista, encontrei o novo símbolo do Botequim Feminino na comunidade oficial da torcida no orkut. Trata-se de Jéssica Rabbit, do filme “Uma cilada para Rogger Rabbit”, lançado em 1988, dirigido por Robert Zemeckis e produzido por Steven Spielberg. Nesta obra que mescla atores reais com desenhos animados, a personagem de Jéssica é esposa de Roger Rabbit, personagem principal. Bonita e fisicamente atraente, Jéssica enlouquece os homens da trama, levantando a dúvida se o filme foi feito para crianças ou para atrair o público

adulto.



www.orkut.com comunidade oficial do agrupamento feminino (Botequim feminino FlaManguaça)

Com um longo vestido rubro-negro e luvas compridas, Jéssica aparece com uma caneca de cerveja. As siglas C.R.F., referentes a Clube de Regatas Flamengo, estampam o lado esquerdo do busto da personagem. Os nomes “Fla Manguaça” e “Botequim Feminino” finalizam a contextualização da imagem.

A Mulherada da Urubuzada



www.urubuzada.com.br/

Representado pelo “Zeca Urubu”, famoso vilão e malandro dos desenhos animados, a Urubuzada se afirma como um novo modelo de torcida, tendo surgido no contexto dos chamados “movimentos populares de torcidas”, em 2006. Sem subdivisões de bairros e alianças, o agrupamento se propõe a promover grandes festas no estádio e dar apoio incondicional ao clube. Nota-se que o nome da torcida foi apropriado da mascote do clube, o urubu. Seu slogan é “Os defensores do manto”.

Apesar de não existirem subdivisões espaciais, a Urubuzada possui algumas bandeiras que trazem

o nome de alguns bairros. Na bandeira que faz alusão às mulheres da torcida estão as imagens das três personagens principais do filme “As Panteras”, produzido em 2000, e dirigido por Joseph McGinty Nichol. As personagens esbanjam beleza, talento e inteligência nas cenas do longa-metragem. Na bandeira, elas aparecem com sua silhueta totalmente colorida de vermelho contrastando com o fundo preto. Os nomes “Mulherada” e “Urubuzada” também marcam presença no adereço, dividindo espaço com dois emblemas tradicionais do clube.



www.orkut.com – Imagem postada na comunidade oficial da torcida

Os símbolos surgem como ponto referencial no que concerne à identidade coletiva das torcidas organizadas. Expostos em bandeiras, camisas, faixas e instrumentos, eles constituem as marcas coletivas e distintivas de um agrupamento, sendo amplamente valorizadas pelos seus torcedores, e, refutadas por adversários. Segundo Toledo (1996), os símbolos das torcidas geralmente são selecionados dentro de três categorias fundamentais: animais; personagens dos gibis e dos comics, quadrinhos ou ficção, ou ainda entidades fantásticas e divindades. De certo modo, essas categorias são encontradas em todas as torcidas. Mesmo que não estejam presentes nos símbolos principais, essas formas classificatórias são observadas nos ornamentos dos diversos grupos espalhados pelos bairros da cidade, inclusive, nos agrupamentos femininos.

“Ao serem eleitos, tornam-se um sinal coletivo, indicador de sua identidade, estando seu significado referido, não neles mesmos, mas nas associações que possibilitam” (TEIXEIRA, 2004:85) Representados por heróis, vilões, animais, entidades espirituais, aparatos de guerra, líderes e terroristas que transgrediram o sistema causando caos e destruição, os símbolos evocam características fantásticas que superam as possibilidades e o alcance dos homens reais. Sempre valorizando a astúcia, a destreza, a masculinidade, a virilidade e o desejo de combate, os torcedores constroem sua identidade nas qualidades atribuídas aos seus símbolos e mascotes. Por outro lado, algumas torcidas fundam-se em valores lúdicos e bem humorados, utilizam-se dos heróis, vilões, personagem dos filmes e desenhos

animados por uma perspectiva diferente, apropriam-se dos personagens de comédia, dos bobos e alcoólatras.

Quando analisamos os símbolos e mascotes que representam o universo feminino, encontramos características semelhantes às apresentadas nos agrupamentos em geral. As associações com heroínas e anti-heroínas são amplamente utilizadas. Uma vez que essas simbolizam as qualidades de mulheres guerreiras, independentes e destemidas, capazes de transgredir regras e normas sociais. Algumas apresentam uma verve belicosa, assegurando disposição para o combate e para o enfrentamento, exibem-se normalmente em posições típicas das artes marciais ou praticando ataques contra adversários. Outras são representadas por entidades espirituais na versão feminina, índias, bonecas de desenho japonês, periquitas e bonequinhas de brinquedo. Nota-se, assim, uma dualidade de naturezas. Em alguns casos, os símbolos contêm em si dois princípios associativos distintos e supostamente opostos. Atributos como delicadeza e força, guerra e amor, sensualidade e violência convivem e são representados de forma harmônica nas indumentárias e nas bandeiras das mulheres. Podemos encontrar fadas com tacos de beisebol, tanques de guerra dentro do símbolo de Vênus e bonequinhas originariamente sensíveis, que, são adaptadas e aparecem com uma fisionomia enfurecida. Como já afirmado anteriormente, no caso das mulheres, a masculinidade e a virilidade dão lugar à sensualidade. No entanto, a disposição para a briga é encontrada com muita frequência. Independente da “filosofia” da torcida, a beleza, a exuberância e a sensualidade são características comumente presentes na maioria das mascotes associadas ao universo feminino, e como os exemplos a seguir demonstram isso não se resume apenas aos agrupamentos femininos do Clube de Regatas do Flamengo. Encontramos símbolos e mascotes com as mesmas características em outras torcidas do Rio de Janeiro e de outros Estados.

Exemplos:



www.facebook.com – Perfil do agrupamento Feminino (Família Feminina FJV)

Símbolo da Família Feminina da Torcida Força Jovem do Vasco, a mutante “Vampira” é um personagem dos quadrinhos, filmes e desenhos animados da série X-Men. Possui o poder de sugar a vitalidade e os poderes de outros seres vivos através do contato com a pele.



johnbfr.wordpress.com

Assim como o Pelotão Feminino da Torcida Jovem do Flamengo, o esquadrão feminino da Torcida Jovem do Botafogo utiliza-se da personagem Lara Croft para expressar suas características. Neste caso, a personagem traz a estrela solitária e o nome da torcida em seu uniforme.



<http://torcidaindependentemafiatricolor.blogspot.com.br/>

O agrupamento Feminino da Torcida Independente Máfia Tricolor do Grêmio FootBall Porto Alegre, Notre Damas, apresenta uma jovem em posição de combate, aparamentada com um soco inglês. Embaixo, a frase Charme e Porrada.



<http://meninasnatorcida.blogspot.com.br>

O Pelotão Feminino da Torcida “Os fanáticos”, do Clube Atlético Paranaense apresenta na

imagem um diabo (versão feminina) cravando um tridente na cabeça da mascote rival.

Considerações finais

Certamente, muitas conquistas e passos foram dados. A cada momento, as mulheres tomam consciência do seu papel social e das lutas travadas contra a opressão. Elas já conquistaram inúmeros direitos, derrubaram tabus e leis discriminatórias, e conseguiram se inserir em espaços que, a priori, eram ocupados exclusivamente, ou, majoritariamente, por homens. No entanto, a situação ainda é muito desigual, os salários são inferiores, o reconhecimento é mais lento, as desconfianças, as visões estereotipadas e as relações que subjagam e oprimem ainda continuam, tendo em vista, principalmente, que o lastro deixado, durante séculos, pelo pensamento retrógrado e conservador permanece com alguma força em muitos setores sociais. Entretanto, como destaca Adelman (1998:10), “a própria luta das mulheres durante o século XX vem mostrado que o poder se contesta e que não há posição social que não possa, ou não deva, ser ocupada por pessoas de qualquer sexo”.

Conhecedoras do futebol e de toda dinâmica que o cerca, as torcedoras constroem suas trajetórias enfatizando a importância de se imporem num cenário majoritariamente masculino. Partilhando do mesmo ideal e lutando pelas mesmas causas, as torcedoras ganham, aos poucos, o respeito e o reconhecimento, assumindo, inclusive, cargos importantes nas torcidas e na Federação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (FTORJ).

Por fim, os símbolos e mascotes que representam o universo feminino envolvem uma série de representações. Carregados de ambiguidade, esses símbolos escapam aos padrões tidos como normais e naturais. Segundo Toledo, “estes símbolos são descartados ou incorporados de modo variado e dinâmico, aparentemente não seguindo um único princípio rígido explicativo ou mais estrutural” (1996, 54).

Todos esses símbolos escolhidos os remetem, de algum modo, à esfera do incontrolável, do ingovernável, do imprevisível. Domínios que estão aquém (no caso, a natureza dos animais selvagens), ou além (atributos e qualidades excêntricas dos santos, dos vilões, e dos heróis fictícios) do domínio da cultura, das regras e da ordem estabelecida. (TOLEDO,1996:55).

O que realmente importa são as associações e o grau de potencialidade que eles trazem para o grupo, projetando o mesmo e permitindo demarcar oposições e antagonismos na dramatização das rivalidades. Além disso, observa-se o papel central que os símbolos e os objetos (bandeiras, faixas, camisetas) desempenham na construção das identidades coletivas.

Referências bibliográfica

- ADELMAN, Miriam. O gênero na construção da subjetividade: Entendendo a “diferença” em tempos pós-modernos. *Humanas, Curitiba*, n°78, p. 922. Editora da UFPR, 1998/1999.
- COSTA, Leda Maria da. Marias Chuteiras x Torcedoras “autênticas”. Identidade Feminina e Futebol. Anpuh, XII Encontro Regional de História, Rio de Janeiro, 2006 (disponível em: <http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Leda%20Maria%20da%20Costa.pdf>)
- ELIAS, Nobert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1995. FILHO, Mário Rodrigues. *O negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- FRANCHETTO, Bruna; CAVALCANTI, Maria Laura; HEILBORN, Maria. Luiza. *Perspectivas Antropológicas da Mulher*. São Paulo: Hucitec (1980).
- GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999. 2ª edição.
- HOLLANDA, Bernardo Borges de. *O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967/1988)*. Tese de Doutorado em História/PUCRJ, 2008.
- MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos. In: *Sociologia e Antropologia*. Organizador: Roberto Cardoso de Oliveira, Coordenador: Florestan Fernandes. São Paulo: Editora Ática, 1979.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n°10, 1992, p.200212.
- SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil para análise histórica. Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Texto original: Joan Scott – *Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history*. New York, Columbia University Press. 1989.
- TEIXEIRA, Rosana da Câmara. *Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas*. São Paulo: Annablume, 2004.
- TEIXEIRA, Rosana da Câmara. *Torcidas jovens e novos movimentos de torcedores no Rio de Janeiro: sentidos atribuídos à paixão futebolística e às manifestações torcedoras*. Texto apresentado no I Simpósio de Estudos sobre Futebol. Museu do Futebol, USP e PUCSP, 2014 de maio, 2010.
- TOLEDO, Luiz Henrique. *Torcidas Organizadas de Futebol*. Campinas/SP: Autores Associados/ANPOCS, 1996.
- VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. *Revista Tempo Brasileiro*, n° 95, p. 119/126, 1988.
- WELLER, Wivian. A invisibilidade feminina nas (sub) culturas juvenis. *Sociabilidade juvenil e cultura urbana/ orgs*. Márcia Regina da Costa, Elizabeth Murilho da Silva. São Paulo: Educ, 2006.

¹ As argumentações presentes neste artigo estão desenvolvidas na minha monografia de conclusão do curso em Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense “Em nome da garra, do amor e da paixão: uma análise das experiências de torcedoras organizadas do clube de regatas do Flamengo”, sob a orientação da profa. Rosana da Câmara Teixeira.

² Para Sau (1991 apud Weller 2004, p.126-7) “a palavra machismo é utilizada primordialmente no âmbito coloquial e popular. Um termo mais apropriado (sobretudo no nível ideológico) para expressar dito conceito é sexismo, já que o primeiro se utiliza para caracterizar aqueles atos, físicos ou verbais, por meio dos quais se manifesta de forma vulgar o sexismo subjacente na estrutura social. No plano psicológico, a diferença entre sexismo e machismo é que o sexismo é consciente e o machismo inconsciente; isto é, o machista atua como tal sem, necessariamente, ser capaz de explicar ou dar conta da razão interna de seus atos”.

³ Jogos onde a possibilidade de conflito, violências e emboscadas são reais. Geralmente ocorrem fora do Estado, contra torcidas já conhecidas por uma rivalidade exacerbada. Mas existem na cidade, os chamados clássicos de guerra quando se confrontam torcidas rivais, como é o caso, do jogo Flamengo e Vasco.

⁴ Entretanto, tive a oportunidade de observar esses ornatos e sua utilização nos estádios em escassos vídeos do Youtube e no dia internacional da mulher, quando assisti a um jogo transmitido pela televisão.